

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.007

## **A LITERATURA COMO ALIADA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS: DE ONDE ELES VÊM, DE JEFERSON TENÓRIO, NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CIDADÃ E ANTIRRACISTA SOBRE AS COTAS RACIAIS**

Fernanda Cândido da Silva Santos Magalhães<sup>1</sup>

Antonio José Carneiro Cardoso<sup>2</sup>

É lyda Gusmão de Azevedo Campinho<sup>3</sup>

Shirlena Campos de Souza Amaral<sup>4</sup>

### **RESUMO**

A literatura tem um papel fundamental na construção do pensamento crítico, possibilitando que os leitores vivenciem experiências de outros sujeitos e desenvolvam empatia. Este artigo propõe uma análise do romance De onde eles vêm, de Jeferson Tenório, como ferramenta pedagógica para abordar a importância das cotas raciais no Brasil com alunos do terceiro ano do ensino médio. A partir do percurso do protagonista Joaquim, um jovem negro que ingressa na universidade pelo sistema de cotas e enfrenta obstáculos institucionais e sociais, discutimos como a obra literária permite uma imersão nas realidades de estudantes negros no ensino superior. O estudo fundamenta-

1 Mestranda pelo Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, 202414120001@pq.uenf.br;

2 Doutorando do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, a.j.c.cardoso@bol.com.br ;

3 Mestranda do Curso de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense - UFF, elyda-gusmao@gmail.com ;

4 Professora Doutora do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, shirlena@uenf.br ;

-se nas concepções de Paulo Freire sobre a educação crítica, na teoria da escrevivência de Conceição Evaristo e nas análises sobre o racismo brasileiro de Ynaê Lopes dos Santos. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa, baseada na análise literária e em propostas didáticas para a aplicação da obra em sala de aula. Os resultados apontam que o uso da literatura pode contribuir para o entendimento crítico das políticas de ação afirmativa e para o combate à desinformação sobre as cotas raciais. Defendemos que a inserção de narrativas como a de Tenório no ensino médio fortalece a consciência cidadã dos alunos, preparando-os para reconhecer e para reivindicar seus direitos no acesso ao ensino superior.

**Palavras-chave:** Literatura e Educação, Cotas Raciais, Ações Afirmativas.

## 1. INTRODUÇÃO

As discussões públicas sobre as cotas raciais no Brasil continuam marcadas por equívocos e resistências que se alimentam do mito da democracia racial e da crença na meritocracia como critério universal. No cotidiano escolar, essas ideias se reproduzem em falas e em silêncios, revelando o quanto a educação ainda hesita em enfrentar o racismo como estrutura. Diante desse cenário, a literatura surge como um espaço de mediação potente, capaz de convocar a empatia e, ao mesmo tempo, provocar o pensamento crítico. Paulo Freire lembra que “acriticidade para nós implica a apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica a sua inserção, a sua integração, a representação objetiva da realidade. Daí a conscientização ser o desenvolvimento da tomada de consciência” (FREIRE, 2015, p. 63, nota 25). É sob essa perspectiva que a leitura literária se torna um ato político de interpretação do mundo.

O romance *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório, oferece uma narrativa que dialoga diretamente com essa dimensão formativa. Seu protagonista, Joaquim, é um jovem negro que ingressa em uma universidade pública pelo sistema de cotas raciais e enfrenta os obstáculos simbólicos e materiais de um espaço historicamente excludente. Quando afirma que “quase fui vencido pela burocracia. Quase me deixei vencer pelos papéis e protocolos e todas as estratégias que àquela altura eu pensava terem sido criadas para que eu desistisse” (TENÓRIO, 2024, p. 17), Joaquim sintetiza a tensão entre direito e exclusão que marca a experiência de tantos estudantes negros. O percurso do personagem, mais do que uma ficção individual, espelha os impasses da política de cotas e expõe a permanência das hierarquias raciais na educação superior.

A presente reflexão parte, portanto, de um estudo analítico e bibliográfico, sem aplicação empírica, que busca compreender as potencialidades pedagógicas de *De onde eles vêm* para o trabalho a respeito das ações afirmativas no ensino médio. Defendemos que a inserção de narrativas como a escrita por Tenório no currículo escolar fortalece a consciência

cidadã dos alunos, preparando-os para reconhecer e para reivindicar seus direitos no acesso ao ensino superior. A análise sustenta-se nos referenciais de Paulo Freire (1996), Conceição Evaristo (2020) e Ynaê Lopes dos Santos (2022), articulando a pedagogia da autonomia, o conceito de escrevivência e a crítica ao racismo estrutural como eixos de leitura e proposição didática.

O objetivo central é demonstrar que a literatura, quando compreendida como prática de liberdade, pode favorecer o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as políticas de ação afirmativa e propiciar debates informados acerca da justiça racial no acesso à universidade. Assim, o artigo se propõe a analisar a obra de Tenório sob o prisma da educação antirracista e a delinear uma sequência didática teórico-projetiva, concebida como possibilidade de aplicação futura. Ainda que não haja resultados empíricos, o estudo pretende evidenciar o alcance formativo da literatura na construção de uma escola que reconheça o direito de existir, narrar e aprender a partir de múltiplas vozes negras.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, orientada pela análise literária e pela construção teórico-propositiva de uma sequência didática voltada ao 3º ano do ensino médio. Não se trata de um estudo aplicado, mas de uma reflexão que propõe caminhos possíveis para o uso pedagógico da literatura afro-brasileira na formação da consciência crítica e antirracista. A investigação parte do pressuposto de que elaborar metodologicamente uma prática, ainda que em nível teórico, já constitui um gesto de intervenção na realidade escolar.

O percurso metodológico fundamenta-se em autores que sustentam a indissociabilidade entre leitura, experiência e emancipação. Freire (2015) oferece a base epistemológica ao compreender a educação como prática de liberdade e o ato de ler como forma de conscientização. Evaristo (2020) contribui com o conceito de escrevivência, que compreende

a escrita como inscrição de si e instrumento de reparação simbólica. YnaêLopes dos Santos (2022) fornece o enquadramento histórico que permite compreender o racismo como estrutura de poder que atravessa as instituições e condiciona o acesso ao conhecimento. Esses referenciais sustentam uma metodologia que vê a literatura como espaço de produção de sentido e exercício ético de escuta e voz.

Com base nesse arcabouço, delineou-se uma proposição didática teórica centrada em três eixos de análise: Acesso, Permanência e Reconhecimento. O primeiro aborda as representações do ingresso de Joaquim na universidade, problematizando a naturalização do mérito individual. O segundo focaliza as condições socioeconômicas e afetivas que ameaçam a continuidade dos estudos e o direito de permanecer. O terceiro reflete sobre a reconstrução identitária do protagonista e a potência transformadora da escrita. A partir desses eixos, projeta-se uma sequência de três momentos: leitura contextualizada de trechos do romance, debate coletivo sobre equidade e justiça, e produção de miniescrevivências inspiradas na obra. Embora não aplicada, a proposta expressa o potencial da literatura para despertar consciência social e ampliar o diálogo sobre ações afirmativas na escola.

Por fim, o desenho metodológico reconhece a necessidade de cuidado ético e sensibilidade pedagógica ao tratar de questões raciais em ambiente escolar. A proposta supõe um espaço de escuta e respeito, onde a partilha de experiências se converta em aprendizado coletivo. Assim, a metodologia não se limita a um conjunto de procedimentos, mas traduz uma postura política coerente com o princípio freireano de que a educação deve pôr o sujeito “numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas” (FREIRE, 2015, s/p).

### **3. AÇÕES AFIRMATIVAS, JUSTIÇA RACIAL E CONSCIÊNCIA CRÍTICA: POR QUE A DEFESA DAS COTAS É UM DEVER PEDAGÓGICO**

Discutir ações afirmativas é discutir o próprio sentido de justiça no Brasil. As políticas de cotas raciais, consolidadas por meio de uma longa luta dos movimentos negros, não nasceram de concessão estatal, mas de reivindicação social. São respostas históricas às desigualdades estruturais que atravessam o país desde a escravidão e que continuam a definir o acesso à educação, ao trabalho e ao reconhecimento simbólico. No campo educacional, essas políticas operam sob a lógica da justiça social, não apenas redistribuindo oportunidades, mas questionando a naturalização do privilégio branco e o mito da meritocracia.

A defesa das cotas exige, portanto, formação de consciência crítica e antirracista, capaz de reconhecer que as desigualdades raciais não se explicam apenas por fatores econômicos, mas por um sistema de exclusões simbólicas, institucionais e culturais. Como indicam estudos recentes, o debate público sobre o tema foi historicamente distorcido por discursos de “imparcialidade” que reduziram a questão a uma falsa controvérsia entre mérito e favor. Essa estratégia retórica, presente na grande imprensa e no senso comum, produziu uma geração de jovens que, mesmo sendo beneficiários legítimos da política, sentem vergonha ou medo de se identificar como cotistas (CAMPOS, 2019).

É justamente nesse ponto que a escola deve agir. A educação crítica, freireana por excelência, implica revelar a estrutura do racismo e promover o empoderamento epistemológico dos estudantes. Ensinar sobre as cotas é ensinar sobre história, cidadania e pertencimento. Para os alunos do ensino público, em sua maioria pretos e pardos, compreender esse direito é condição para ocuparem o espaço que lhes foi negado. A defesa da política de cotas, nesse sentido, não é mera opção ideológica: é um dever ético-pedagógico.

Reconhecer o alcance das ações afirmativas significa também entender suas limitações e desafios. A persistência de barreiras institucionais e preconceitos velados, revela que o acesso é apenas o início da luta. A permanência e a valorização simbólica são etapas igualmente fundamentais. Por isso, mais do que informar sobre as cotas, é preciso formar sujeitos capazes de defendê-las, sem hesitação ou constrangimento, conscientes de que representam um passo decisivo rumo a uma sociedade verdadeiramente plural e democrática.

É nesse horizonte que a literatura se apresenta como aliada. Se as ações afirmativas operam na esfera das políticas públicas, a arte atua na esfera da sensibilidade e do imaginário, produzindo deslocamentos que a lei, sozinha, não alcança. A narrativa ficcional, ao dar corpo e voz a sujeitos historicamente marginalizados, contribui para consolidar a consciência antirracista que sustenta e legitima as cotas. É desse diálogo entre política e poética da reparação que emerge a análise do romance *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório, discutida a seguir.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES – SÍNTESES ANALÍTICAS E PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS**

A escolha de uma obra literária para integrar esta proposta didática partiu do desejo de selecionar um texto que, além de qualidade estética, dialogasse com as urgências sociais e educacionais do país. Entre diversas possibilidades, optamos pelo romance publicado em 2024 pela Companhia das Letras *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório, autor gaúcho nascido em 1977 e vencedor do Prêmio Jabuti de 2021 com *O avesso da pele*. Tenório tem se destacado na literatura contemporânea por construir narrativas que atravessam a memória negra brasileira, explorando os efeitos persistentes do racismo estrutural e das desigualdades educacionais.

A escolha de *De onde eles vêm* não se deve apenas ao fato de o romance tematizar as cotas raciais, mas à forma como ele humaniza essa experiência e a inscreve em um horizonte de direito ao sonho. Tenório, em

entrevista ao programa Estúdio CBN, afirmou que sua obra é uma “defesa do direito ao encanto, do direito à arte, do direito à literatura, do direito ao conhecimento” (TENÓRIO, 2024, s/p). Essa formulação revela o cerne do projeto literário do autor: restituir à população negra o direito de desejar e imaginar-se em lugares historicamente interditos. Joaquim, o protagonista, é um dos primeiros jovens negros a ingressar em uma universidade por meio da Lei de Cotas e carrega em sua trajetória as marcas de um país que ainda pergunta (explícita ou silenciosamente) se pessoas negras podem sonhar.

Ao trazer esse personagem para o centro da narrativa, Tenório (2024) confronta uma longa tradição literária brasileira que relegou corpos negros à margem da experiência do pensar. Sua escrita desloca o olhar, afirmando que a negritude também produz conhecimento, arte e teoria. Escolher esse livro para a sala de aula, portanto, é um gesto pedagógico e político: ler um autor negro é reeducar o olhar, é aprender com a experiência negra sobre o que significa existir num mundo ainda desigual.

A história de Joaquim ecoa a de muitos jovens que enfrentam as mesmas barreiras de acesso e pertencimento. Essa leitura propõe aos alunos não apenas uma identificação, mas uma travessia—o aprendizado de uma nova gramática para falar sobre si e sobre o mundo. Inspirados por Neusa Santos Souza (2021), trata-se de “tornar-se negro” como ato de consciência e afirmação, reconhecendo-se como sujeito de direitos e de narrativas. Ao levar De onde eles vêm para a escola pública, reafirmamos o compromisso com uma docência antirracista, que não teme discutir as cotas, mas as reivindica como conquista civilizatória. Mais do que introduzir uma leitura literária, é oferecer aos alunos um convite: o de sonhar sem pedir licença e ocupar, com voz e presença, os espaços que lhes pertencem.

## 4.1 ANÁLISE LITERÁRIA: O PERCURSO DE JOAQUIM E O ESPELHO SOCIAL DO RACISMO ESTRUTURAL

O romance de Tenório, constrói uma narrativa em que o destino individual de Joaquim se entrelaça à história coletiva dos corpos negros que ousam ocupar espaços antes interditos. A universidade, cenário de sua conquista, é também o palco de sua exaustão. Nela se condensam os ecos de um país que proclama a igualdade enquanto sustenta estruturas de exclusão. Tenório não idealiza o ingresso pela cota racial como desfecho de ascensão; ao contrário, faz dele o ponto de partida para uma travessia marcada pela suspeita, pelo cansaço e pela necessidade de provar o tempo todo que se é merecedor do lugar que se ocupa.

Em uma das passagens mais significativas, Joaquim confessa: “uma certa revolta tomou conta de mim por saber que a maioria dos meus colegas da universidade não tinham de cuidar de uma avó com demência, não tinham de enfrentar um ônibus como aquele, não tinham de ficar procurando emprego” (TENÓRIO, 2024, p. 27). A fala, situada entre o desabafo e a lucidez, desmonta a retórica do mérito e dá corpo àquilo que a teoria crítica chama de desigualdade estrutural. A revolta do personagem não é apenas pessoal: é política. É o grito de quem percebe que o esforço individual não é suficiente para romper a lógica que naturaliza privilégios.

Ao trazer essa consciência à superfície, o romance encena o processo que Paulo Freire (1989) define como “leitura do mundo”: um ato de perceber as relações que estruturam a própria existência. Joaquim, ao olhar o entorno, compreende que sua trajetória não é exceção, mas sintoma. A literatura torna-se, então, o espaço em que a experiência individual se converte em categoria social. Em Tenório, o drama do personagem ilumina a engrenagem de uma sociedade que ainda espera que o estudante negro agradeça o direito de estudar.

Essa consciência não conduz ao desespero, mas à escrita. Ao narrar suas derrotas e pequenas vitórias, Joaquim transforma a linguagem em abrigo. O texto literário revela-se um exercício de recomposição – uma

forma de manter-se inteiro diante do esfacelamento. Nesse gesto, há uma afinidade profunda com o conceito de sobrevivência, tal como o formula Conceição Evaristo (2020): escrever é existir, é recusar a exclusão pela palavra. A experiência de Joaquim ecoa essa ética da sobrevivência pela narrativa. Sua escrita, ainda incerta, é também um modo de afirmar: estou aqui, e minha presença não é concessão.

Ao converter o cotidiano em denúncia e memória, o livro produz uma pedagogia do sensível. O leitor é convidado não apenas a compreender o racismo, mas a senti-lo no ritmo da linguagem e nas pausas do personagem. A literatura, assim, ultrapassa o campo estético e se inscreve como prática política—um ato de resistência e de restituição de humanidade.

#### 4.2 EIXOS TEÓRICO-ANALÍTICOS: ACESSO, PERMANÊNCIA E RECONHECIMENTO

A trajetória de Joaquim permite compreender que o debate sobre as cotas raciais não se esgota no direito de ingresso, mas se estende à necessidade de uma consciência crítica sobre o que esse direito significa. A literatura, ao encenar as tensões entre mérito, desigualdade e pertencimento, torna visível aquilo que a política pública por vezes abstrai: a experiência concreta de quem vive a interdição histórica. Nesse sentido, a narrativa de Tenório realiza, pela via estética, um movimento de educação política, pois convoca o leitor a perceber que o acesso à universidade não é privilégio, mas resultado de lutas sociais que buscam reparar séculos de exclusão (SANTOS, 2022).

O eixo do acesso corresponde ao primeiro nível dessa reflexão. No plano histórico, as ações afirmativas no Brasil resultam das reivindicações dos movimentos negros e têm como princípio promover a justiça social e a igualdade de oportunidades, configurando-se como forma de reparação histórica e compensação pelas desvantagens acumuladas pela população negra. Na trama, Joaquim simboliza essa conquista inicial, mas também o incômodo que ela provoca: sua entrada na universidade

desestabiliza a normalidade racial da instituição. Ao ler esse processo, o estudante pode compreender que o mérito não é atributo individual, mas construção social. A literatura, aqui, atua como instrumento de desnaturalização, uma forma de ler o mundo antes de ler a palavra, na acepção freireana (FREIRE, 1996).

O eixo da permanência desloca o olhar do ingresso para as condições materiais que o sustentam. O romance evidencia as barreiras econômicas e afetivas que limitam a trajetória de Joaquim: o trabalho exaustivo, o transporte precário, a ausência de tempo para estudar. Tais elementos configuram o que Ynaê Lopes dos Santos (2022) descreve como racismo estrutural: um sistema que organiza desigualdades e define quem pode permanecer. A narrativa transforma essa estrutura em experiência vivida, fazendo emergir o contraste entre o direito conquistado e a realidade que insiste em negá-lo. Discutir o tema em sala de aula, à luz de Tenório, é discutir o próprio conceito de justiça inconclusa: o acesso sem condições de permanência (MELLO, 2022).

Por fim, o eixo do reconhecimento contempla a dimensão simbólica da política afirmativa. Joaquim, ao apropriar-se da palavra, compreende que sua voz tem valor epistemológico. Esse gesto aproxima o romance do conceito de escrevivência, em que escrever é reescrever a própria existência. Como ensina Evaristo (2020), o ato de narrar a si é um modo de inscrever-se no mundo. Quando o protagonista afirma que sua escrita é “a senha pela qual acesso o mundo”, o texto dramatiza a passagem da consciência oprimida à consciência crítica.

Ao articular esses três eixos—acesso, permanência e reconhecimento—, o romance e a política de cotas convergem em propósito: produzir consciência. Formar essa consciência é condição para resistir às simplificações midiáticas e às “cruzadas anti-ação afirmativa” (FERES JUNIOR, 2025) que importam discursos contrários à diversidade. A literatura, quando mediada pedagogicamente, torna-se então um espaço de aprendizagem ética, em que a justiça deixa de ser abstração e passa a ser prática sensível de leitura do outro.

### 4.3 POTENCIAL PEDAGÓGICO DO ROMANCE: DA LEITURA À ESCRIVÊNCIA

A inserção de *De onde eles vêm* no espaço escolar ultrapassa a função de fruição estética. O romance, ao representar as tensões raciais e as desigualdades educacionais do Brasil contemporâneo, pode operar como um dispositivo pedagógico de leitura crítica do mundo, em consonância com o pensamento de Freire (2015). É justamente a passagem da percepção à consciência que a narrativa de Jeferson Tenório mobiliza. A literatura não apenas ilustra o social: ela o interroga, desvelando estruturas que naturalizam a exclusão e oferecendo, a quem lê, a possibilidade de reposicionar-se diante delas.

No ambiente da escola, esse potencial se amplia. O romance de Tenório permite articular as práticas de leitura e escrita a um processo de formação ética e política, pois transforma o cotidiano de Joaquim em uma metáfora compartilhada pelos estudantes que reconhecem, em sua trajetória, marcas de um país desigual. Ao discutir as cotas raciais, a obra oferece uma imersão nas realidades de estudantes negros no ensino superior e promove consciência histórica e política sobre os desafios estruturais que os afetam. Essa consciência, no contexto pedagógico, é o ponto de partida para a cidadania ativa: compreender a desigualdade é o primeiro passo para enfrentá-la.

O diálogo entre Tenório e Evaristo aprofunda essa dimensão transformadora. A escriturização, como define Evaristo, é uma escrita que valoriza “o universo do aluno, desde o universo individual ao universo coletivo” (TV BRASIL, 2025), tornando visível o que a história silenciou. Ao propor que os estudantes escrevam a partir de suas próprias experiências, ficcionais ou autobiográficas, o professor transforma o texto literário em espelho e em ferramenta. O gesto de narrar-se torna-se gesto de pensar-se. Assim, a literatura deixa de ser objeto de análise distante e passa a integrar o processo de constituição do sujeito que lê.

O mesmo movimento aparece na obra de Tenório, quando Joaquim encontra na escrita a possibilidade de recompor o que o mundo insiste em fragmentar. A passagem de personagem a narrador, e de leitor a autor, espelha o que Freire(1996) denomina “autoria da consciência”. A pedagogia crítica, nesse contexto, não se limita à transmissão de saberes, mas aposta no diálogo entre experiência e linguagem. Ao relacionar-se com o texto, o aluno não apenas aprende a ler: aprende a se reconhecer como sujeito histórico.

Portanto, trabalhar De onde eles vêm sob a perspectiva da escrevivência é propor uma prática que une empatia e análise, estética e política. O texto literário se transforma em meio de reconhecimento e criação, permitindo que a palavra se converta em instrumento de emancipação. É nesse encontro entre Tenório, Evaristo e Freire que a literatura se revela mais que conteúdo: torna-se princípio pedagógico, uma forma de ensinar a ler o mundo enquanto se escreve nele.

#### 4.4 PROPOSIÇÃO DIDÁTICA TEÓRICA: SEQUÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO

A sequência didática proposta busca aproximar o texto literário da realidade social dos estudantes, utilizando o romance como mediador de consciência crítica e autoria. Inspirada na pedagogia freireana e no conceito de escrevivência, a proposta assume a sala de aula como espaço de diálogo, em que o conhecimento é construído a partir da experiência e do enfrentamento das desigualdades. As atividades estão organizadas em três momentos complementares, concebidos como etapas de um processo formativo contínuo: leitura crítica, debate dialógico e produção autoral.

#### 4.4.1 LEITURA CRÍTICA—O DESVELAMENTO DA IDEOLOGIA

O primeiro momento propõe que a literatura seja abordada como codificação da realidade brasileira. O professor apresenta dois excertos da obra—a rotina exaustiva de Joaquim, marcada pela sobrecarga e precariedade, e o discurso elitista do professor Moacir Malta, que atribui o baixo desempenho dos cotistas à “falta de base”—para provocar o diálogo. Em formato de **Círculo de Cultura**, os alunos são convidados a discutir: a quem interessa essa narrativa sobre a “falta de base”?; a desigualdade é resultado de esforço individual ou de uma estrutura histórica de exclusão? Essa etapa visa converter a leitura ingênua em leitura crítica, deslocando o foco do indivíduo para o sistema que o condiciona .

#### 4.4.2 DEBATE DIALÓGICO – A RECONSTRUÇÃO DO SENTIDO COLETIVO

Nesse segundo momento, a turma organiza um debate orientado por perguntas críticas elaboradas coletivamente. O papel do professor é de coordenador de debates, e não de transmissor de respostas. A ênfase recai sobre o desenvolvimento da argumentação ética e da escuta ativa, conforme as Competências Gerais 2, 3 e 9 da BNCC (BRASIL, 2018), que envolvem empatia, cooperação e diálogo como práticas cidadãs. Essa fase promove a consciência de que o conhecimento é produzido no encontro e que a escola pode se tornar um espaço de reconstrução simbólica e política da sociedade.

#### 4.4.3 PRODUÇÃO AUTORAL—ESCREVIVÊNCIAS DA PRESENÇA

A etapa final propõe a escrita de textos inspirados na escrevivência. Os alunos são convidados a responder, em forma narrativa, poética ou ensaística, à pergunta: “O que está faltando na biblioteca da minha escola (ou na minha vida) para que eu possa me sentir integralmente representado/a no futuro?”. A escrita torna-se instrumento de reconhecimento e

resistência, possibilitando que cada estudante elabore sua identidade e reflita sobre os mecanismos de exclusão e pertencimento. A produção textual, ao ser compartilhada (com consentimento), estimula a solidariedade social e o reconhecimento mútuo, transformando a sala em espaço de autoria e cidadania.

A proposta articula-se às Competências Gerais 2, 3, 7, 9 e 10 da BNCC(BRASIL, 2018), ao promover pensamento crítico, valorização da diversidade cultural, argumentação ética e engajamento social, e integra as Competências Específicas de Linguagens (2 e 3) e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (1, 2 e 5), centradas no reconhecimento das identidades e na análise das estruturas de poder. As habilidades mobilizadas – EM13CHS101, EM13CHS102, EM13LGG102 e EM13LP53 –reforçam a relação entre leitura, autoria e transformação social .

A sequência didática, portanto, não se limita a ensinar literatura: ela propõe formar sujeitos capazes de interpretar o mundo, produzir discurso e intervir na realidade. Ao deslocar o centro do saber para o diálogo e a experiência, reafirma que a educação é, como dizia Freire (2013), “uma aventura criadora”, e que a escrita é, como enuncia Evaristo, a forma mais potente de existir.

#### 4.5 ALCANCES E LIMITAÇÕES DA PROPOSTA

A proposta didática delineada a partir do romance De onde eles vêm reafirma o poder da literatura como instrumento de conscientização e emancipação, permitindo que a leitura se converta em experiência de reflexão e resistência. Ao promover o diálogo entre Paulo Freire, Conceição Evaristo e Jeferson Tenório, o estudo evidencia que a educação literária pode constituir-se como prática de liberdade, voltada à formação de sujeitos críticos capazes de compreender e transformar o mundo que os cerca.

Entre os principais alcances da proposta, destaca-se sua capacidade de articular a dimensão estética da literatura à dimensão ética e política

da educação. O texto literário funciona como codificação do real, mobilizando afetos e saberes que favorecem a compreensão das contradições sociais e raciais brasileiras. A abordagem freireana, ancorada no diálogo e no desvelamento das ideologias, estimula o “pensar certo”—a leitura que ultrapassa a aparência dos fatos para alcançar suas causas estruturais. O romance de Tenório, nesse contexto, não apenas sensibiliza, mas convoca o leitor a intervir, a compreender que a desigualdade não é acidente histórico, e sim escolha política

Outro alcance importante é a possibilidade de reconstruir o sentido da escola como espaço de cidadania, em que o aprendizado se liga à reivindicação de direitos. Ao reconhecer-se no texto e refletir sobre as políticas de cotas, o estudante torna-se agente de sua própria história, exercitando o direito de ser mais. Essa pedagogia da presença e da palavra encarna o princípio freireano de que a educação deve formar “homens livres”, capazes de optar e de se posicionar diante das injustiças.

Contudo, a proposta encontra limitações inerentes ao seu caráter teórico e às condições materiais da escola pública brasileira. A ausência de aplicação empírica impede a verificação dos impactos concretos sobre o desenvolvimento dos alunos. Além disso, o contexto educacional ainda enfrenta obstáculos estruturais: falta de tempo, recursos e formação docente, que dificultam a implementação de práticas dialógicas e antirracistas. Por outro lado, reconhecer tais limites é também reafirmar a necessidade da proposta: a transformação social começa pela imaginação do possível.

Por fim, o alcance mais significativo reside naquilo que a proposta anuncia como horizonte: uma educação comprometida com a justiça racial e a pluralidade de vozes. O trabalho com De onde eles vêm demonstra que a literatura pode ser mais que um conteúdo, pode ser um método de leitura do mundo, um meio de combater a desinformação e o mito da democracia racial, e um convite à construção de novas epistemologias. Mesmo que a aplicação ainda não tenha ocorrido, o exercício de projetar

essa prática é, por si só, um ato político: imaginar uma escola capaz de narrar outras histórias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do romance *De onde eles vêm* confirma que a literatura pode ser, ao mesmo tempo, refúgio e trincheira. Ao propor a análise dessa obra no contexto escolar, não pretendemos instrumentalizar a arte, mas reconhecer sua força formativa. A leitura por fruição é, e deve continuar sendo, um caminho legítimo e necessário—há beleza e potência no simples ato de ler por prazer. No entanto, enquanto docentes que atuam diariamente no chão da escola pública, compreendemos que algumas narrativas exigem mais do que a contemplação estética: exigem diálogo, consciência e posicionamento.

Essa convicção nasce da escuta dos nossos próprios alunos, sobretudo das turmas do 3º ano do Ensino Médio, que estão às vésperas de se formar. A maioria deles é composta por jovens negros, moradores das periferias, estudantes de escola pública que, mesmo sem se reconhecerem assim, são sujeitos de direito às cotas raciais. É para eles—e com eles—que este trabalho se dirige. Queremos que saibam que as cotas não são concessão, mas conquista coletiva; que as portas que hoje se abrem foram empurradas por gerações que se negaram a permanecer do lado de fora. Mais do que conhecer a lei, é fundamental que estejam ferramentados para defendê-la, capazes de argumentar em favor de uma política que transformou, de modo profundo, o panorama social e acadêmico do país.

Ao levar o romance de Jeferson Tenório para a sala de aula, buscamos criar um espaço de reconhecimento e pertencimento. Joaquim, protagonista de *De onde eles vêm*, não é personagem distante; é espelho, é irmão, é colega de turma. Sua trajetória permite que nossos estudantes se vejam representados e, ao mesmo tempo, reflitam criticamente sobre o que ainda precisa mudar. O texto literário se transforma, assim, em ponte

entre a experiência individual e a estrutura social—um lugar em que a palavra se converte em consciência.

Como docentes, afirmamos que o maior alcance desta proposta reside em sua capacidade de gerar pensamento público sobre o direito de existir e permanecer. Não se trata apenas de ensinar literatura, mas de garantir que o ensino da literatura convoque a realidade, que o texto literário dialogue com o contexto, e que o ato de ler se torne, como queria Freire, um ato de liberdade.

Sabemos, contudo, que a prática ainda enfrenta limitações concretas. As condições de trabalho nas escolas públicas, a escassez de tempo e de materiais e a sobrecarga docente dificultam a realização de atividades de longa duração. Mesmo assim, é preciso insistir. Pensar essa sequência didática já é, de algum modo, agir sobre a realidade: imaginar uma escola em que a leitura emancipatória seja o primeiro passo para construí-la.

Concluimos reafirmando nossa crença de que a literatura aliada das ações afirmativas, não apenas por tematizá-las, mas por formar sujeitos capazes de reconhecê-las como direito. De onde eles vêm um texto que nos ensina a olhar para o país sem romantismo e sem desistência. Ao lê-lo com nossos alunos, desejamos que encontrem, na palavra, o mesmo que Joaquim encontrou: o sentido de continuar, de existir, de escrever-se no mundo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto. Em busca do público: a controvérsia das cotas raciais na imprensa [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019. 1 recurso online (336 p.; 14×21 cm): ePub. ISBN 978-65-00-03035-8.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella

Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 49-54.

FERES JÚNIOR, João; MACÊDO, Raíssa Sales de. O Globo e as ações afirmativas: das controvérsias à atualização da Lei de Cotas (2011-2023). *Texto para Discussão (GEMAA), IESP-UERJ*, n. 23, p. 1-16, 2025.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 4).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade* [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. ePub. ISBN 978-85-7753-219-3.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ePub. ISBN 978-85-7753- 227-8.

LEITURAS BRASILEIRAS. *Conceição Evaristo | Escrevivência*. [Vídeo]. YouTube, canal Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 30 out. 2025.

MELLO, Luciana Garcia de. *Justiça inconclusa: vícios e virtudes da política de cotas na pós-graduação da UFRGS*. *Revista Brasileira de Sociologia*, [S. l.], v. 10, n. 26, p. 41- 68, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20336/rbs.905>. Acesso em: 30 out. 2025.

RODA VIVA. *Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afro-brasileiros*. [Vídeo]. YouTube, canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 30 out. 2025.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país* [recurso eletrônico]. São Paulo: Todavia, 2022. ePub.

TENÓRIO, Jeferson. *De onde eles vêm*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. ISBN 978-85-359-3937-8.

TENÓRIO, Jeferson. “Jeferson Tenório: amplitude de visão”. Revista Ensino Superior, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/2024/12/13/jeferson-tenorio-amplitude-de-visao/>. Acesso em: 30 out. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. “De onde eles vêm traz a tona o direito que população negra tem de sonhar, diz Jeferson Tenório”. Estúdio CBN, 6 dez. 2024. Disponível em: <https://cbn.globo.com/google/amp/programas/estudio-cbn/entrevista/2024/12/06/de-onde-eles-vem-traz-a-tona-o-direito-que-populacao-negra-tem-de-sonhar-diz-jefferson-tenorio.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2025.

TV BRASIL. Conceição Evaristo é convidada do Trilha de Letras. [Vídeo]. YouTube, canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 30 out. 2025.